

*PAULINE RÉAGE*

*HISTÓRIA D'O*

*TRADUZIDO DO FRANCÊS POR*

*LUÍSA SARAIVA*

ASA



## ÍNDICE

Felicidade na Escravatura . . . . .	7
Os Amantes de Roissy . . . . .	19
Sir Stephen . . . . .	55
Anne-Marie e os Anéis . . . . .	105
A Coruja . . . . .	139
<i>Um fim alternativo</i> . . . . .	159



## OS AMANTES DE ROISSY

O amante de O leva-a um dia a passear numa zona aonde nunca vão, o parque Montsouris, o parque Monceau. No ângulo do parque, no canto de uma rua onde nunca há táxis, depois do passeio no parque, e sentados lado a lado na relva, avistam um carro, com um contador, que parece um táxi. «Sobe», diz ele. Ela sobe. A noite está quase a chegar e é outono. Ela está vestida como sempre: sapatos de salto alto, um *tailleur* de saia plissada, uma blusa de seda, e sem chapéu. Mas tem umas luvas compridas que sobem até às mangas do seu *tailleur*, e leva na sua bolsa de couro os documentos, pó de arroz e *rouge*. O táxi parte devagar, sem que o homem tenha dito uma só palavra ao motorista. Mas fecha as pequenas cortinas sobre os vidros laterais e a traseira; ela tira as luvas, pensando que quer beijá-la ou que quer que o acaricie. Mas ele diz: «Não estás confortável, dá-me a tua bolsa.» Ela entrega-lha, ele coloca-a fora do seu alcance e acrescenta: «Também tens roupa a mais. Tira as ligas e desce as meias para baixo dos joelhos.» Ela atrapalha-se um pouco, o táxi anda mais depressa, e receia que o motorista se volte. Enfim, as meias são enroladas e ela não se sente à vontade com as pernas nuas por baixo da combinação de seda. As ligas deslizam. «Tira a cinta», diz ele, «e as cuecas». Isto é fácil, basta passar as mãos por trás das costas e levantar-se um pouco. Ele tira das mãos dela a cinta

e as cuecas, abre a bolsa, mete-as lá dentro e depois diz: «Não fiques sentada em cima da combinação e da saia, tira-as e senta-te diretamente no banco.» O banco é de plástico, escorregadio e frio, é esquisito senti-lo colar-se às coxas. Depois, ele diz: «Põe as luvas agora.» O táxi continua a andar e ela não ousa perguntar porque René não se mexe, e não diz mais nada, nem que significado isto pode ter para ele, que ela esteja imóvel e muda, toda nua e oferecida, de luvas, num carro preto que se dirige não sabe para onde. Ele nada lhe ordenou, nem proibiu, mas ela não ousa sequer cruzar as pernas e juntar os joelhos. As suas mãos estão uma de cada lado sobre o assento.

«Pronto», diz ele de repente. O táxi para numa bela avenida, por baixo de uma árvore – são plátanos – em frente de um pequeno palacete que mal se vê entre o pátio e o jardim, como os palacetes de Saint-Germain. Os postes de luz estão um pouco longe, dentro do carro está escuro e lá fora chove. «Não te mexas», diz René. «Está quieta.» Estende a mão para a gola da blusa dela, desfaz o nó, depois os botões. Ela inclina um pouco o peito, julga que ele quer acariciar-lhe os seios. Não. Ele só apalpa para alcançar e cortar com um pequeno canivete as alças do *soutien*, que tira. Agora, por baixo da blusa, os seios estão livres e nus, como livres e nus estão as costas e a barriga, da cintura até aos joelhos.

«Escuta», diz ele. «Agora estás pronta. Eu vou deixar-te. Vais descer e bater à porta, seguindo quem a abrir e fazendo o que te disserem. Se não entrares imediatamente virão buscar-te, e se não obedeceres, obrigam-te a obedecer. A tua bolsa? Não, já não precisas da bolsa. Só és a rapariga que eu forneço. Sim, sim, eu estarei lá. Vai.»

Uma outra versão do mesmo princípio era mais brutal e mais simples: a jovem, de igual maneira vestida, era levada de carro com o seu amante e um amigo desconhecido. O desconhecido estava ao volante, o amante sentado ao lado da jovem, e era o amigo,

o desconhecido, quem falava para explicar à jovem que o seu amante estava encarregado de a preparar, que ia atar-lhe as mãos nas costas, por cima das luvas, descer e enrolar as meias, tirar-lhe a cinta, as cuecas e o *soutien*, e vendar-lhe os olhos. Que em seguida ela seria conduzida ao castelo onde seria instruída acerca de tudo o que deveria fazer. Com efeito, uma vez assim despida e amarrada, ao fim de meia hora de viagem, ajudavam-na a sair do carro, faziam-na subir alguns degraus e depois transpunha uma ou duas portas sempre às cegas. Ela encontrava-se só, já sem venda, em pé no meio de um quarto escuro onde permanecia meia hora, uma, duas, não sei, mas parecia um século. Depois, quando enfim a porta se abria e acendiam a luz, via-se que ela tinha esperado num compartimento muito banal e confortável, mas ainda assim singular: com um tapete grosso no chão, mas sem um móvel, todo rodeado de armários embutidos. Duas mulheres tinham aberto a porta, duas mulheres jovens e bonitas, vestidas como lindas criadas do século XVIII: com saias leves e compridas que ocultavam os pés, corseletes justos que faziam empinar os seios, atados ou acolchetados na frente, rendas em volta do pescoço, mangas que iam até meio dos braços. Olhos e boca pintados. Usavam um colar muito apertado em torno do pescoço e braceletes também muito apertados em volta dos pulsos.

Então eu sei que elas desamarraram as mãos de O, que continuavam ligadas atrás das costas, e disseram-lhe que tinha de se despir, e que a iam lavar e vestir. Tiraram-lhe a roupa, colocando-a num dos armários. Não a deixaram banhar-se sozinha, e pentearam-na, como no cabeleireiro, fazendo-a sentar-se numa dessas grandes poltronas que rodam quando se lava a cabeça e que sobem quando se põe o secador, depois da *mise en plis*. Isto dura sempre pelo menos uma hora. E, com efeito, durou mais de uma hora, mas ela esteve sempre sentada nesta cadeira, nua, proibida de cruzar as pernas ou sequer de juntar os joelhos. E como diante dela havia um grande espelho, de alto a baixo da parede, sem nenhuma prateleira, ela via-se assim, aberta, cada vez que o seu olhar encontrava o espelho.

Quando ficou pronta e vestida, as pálpebras levemente sombreadas, a boca muito vermelha, a ponta e a auréola dos seios rosadas, a borda dos lábios do sexo avermelhada, um perfume longamente passado nas axilas e no púbis, no rego entre as coxas, no rego dos seios, nas palmas das mãos, mandaram-na entrar num aposento onde um espelho de três faces, além do outro, na parede, permitia que se visse bem. Disseram-lhe que se sentasse num pufe no meio dos espelhos e que esperasse. O pufe estava coberto com uma peliça preta que picava um pouco, o tapete era preto, as paredes vermelhas. Ela tinha chinelos vermelhos. Numa das paredes do pequeno *boudoir* havia uma grande janela que dava para um belo parque sombrio. Parara de chover, as árvores agitavam-se ao vento, a lua corria alta entre as nuvens. Não sei quanto tempo ela ficou no *boudoir* vermelho, nem se estava realmente só, como pensava, ou se alguém a olhava por alguma abertura camuflada numa das paredes. Só sei que quando as duas criadas voltaram, uma trazia uma fita métrica de costura e a outra um cesto. Um homem acompanhava-as, com um longo manto violeta, de mangas estreitas nos punhos e largas nas cavas; o manto abria-se a partir da cintura quando ele andava. Via-se então, por baixo do manto, que usava uma espécie de calças justas que lhe cobriam as pernas e as coxas, mas deixavam o sexo livre. Foi o sexo dele que ela viu primeiro, logo aos primeiros passos, depois o chicote de couro entrançado preso à cintura; em seguida, viu que o homem estava com um capuz preto com uma rede de tule que dissimulava os olhos, e por fim também viu que ele tinha luvas pretas de pele de cabrito. Ele disse-lhe que não se mexesse, tratando-a por tu, e disse às mulheres que se despachassem. Aquela que tinha a fita métrica tomou então a medida do pescoço e dos pulsos de O. Eram medidas comuns, embora pequenas. Foi fácil encontrar no cesto que a outra mulher segurava um colar e uns braceletes com as medidas de O. Eram feitos de diversas tiras de couro (cada tira bastante fina, o total não era mais do que um dedo), fechados por um sistema de lingueta que funcionava automaticamente como um cadeado e só podiam ser abertos com uma chavezinha. Na parte

exatamente oposta à fechadura, no meio das tiras de couro, havia um anel de metal preso ao bracelete, se se quisesse fixá-lo, porque era muito justo ao braço e o colar muito justo ao pescoço, embora houvesse folga suficiente para não ferir a pele. Fixaram-lhe então o colar e os braceletes no pescoço e nos pulsos dizendo o homem depois que se levantasse. Ele sentou-se no lugar dela, no pufe, puxou-a para junto dos joelhos, passou a mão enluvada entre as coxas dela e nos seios, e explicou-lhe que ela seria apresentada nesta mesma noite, após o jantar que comeria só. E, com efeito, jantou sozinha, sempre nua, numa espécie de pequena cabine onde uma mão invisível lhe estendia os pratos por uma abertura. Enfim, terminado o jantar, as duas mulheres vieram procurá-la. No *boudoir*, fixaram-lhe atrás das costas os dois anéis dos braceletes, puseram-lhe nas costas, presa ao colar, uma longa capa vermelha que a cobria inteiramente, mas que se abria quando ela andava, já que não podia segurá-la porque tinha as mãos ligadas atrás das costas. Uma mulher avançava diante dela e abria as portas, a outra seguia-as e fechava-as. Atravessaram um vestíbulo, dois salões, e penetraram na biblioteca onde quatro homens tomavam café. Usavam os mesmos longos mantos que o primeiro, mas sem máscara. No entanto, O não teve tempo de lhes ver o rosto e verificar se o seu amante estava entre eles (estava), porque um dos quatro voltou para ela um foco que a cegou. Toda a gente ficou imóvel, as duas mulheres de cada lado dela, e os homens em frente, a olhá-la. Depois o foco apagou-se e as mulheres partiram. Mas tinham voltado a pôr uma venda nos olhos de O. Então mandaram-na avançar, tropeçando um pouco, e ela sentiu que estava em pé diante da lareira, perto da qual os quatro homens estavam sentados: sentia o calor e ouvia as achas crepitarem docemente no silêncio. O estava diante do fogo. Duas mãos retiraram-lhe a capa, duas outras desceram ao longo das nádegas depois de terem verificado os braceletes: não usavam luvas e uma penetrou-a tão bruscamente que ela gritou. Alguém riu. Outro disse: «Volte-a, para podermos vê-la toda.» Fizeram-na voltar-se, o calor do fogo

atingia-lhe as costas. Uma mão tomou-lhe um seio, uma boca aflo-rou o bico do outro. Mas de súbito ela perdeu o equilíbrio e quase caiu de costas – sustentada por que braços? Enquanto lhe abriam as pernas e separavam docemente os lábios da vagina, cabelos roça-ram a parte de dentro das suas coxas. Ouviu dizer que era preciso colocá-la de joelhos. Assim fizeram. Não se sentia confortável de joelhos, tanto mais que a proibiam de os juntar e as mãos presas nas costas faziam-na pender para a frente. Permitiram-lhe então dobrar-se um pouco para trás, meio sentada sobre os calcanhares, como os religiosos.

– Você nunca a amarrou?

– Não, nunca.

– Nem a açoitou?

– Nunca, mas justamente... – Era o amante dela que respon- dia.

– Justamente – disse a outra voz. – Se a amarra de vez em quando, se a chicoteia um pouco, e ela tem prazer nisso, não. O que é preciso é ultrapassar o momento em que ela sinta prazer, para obter lágrimas.

Levantaram então O e iam desamarrá-la, sem dúvida para a prenderem a um poste ou numa parede, quando alguém protestou que queria possuí-la primeiro, e imediatamente – portanto coloca-ram-na de novo de joelhos, mas desta vez com o peito pousado num pufe, as mãos sempre presas às costas, as nádegas mais altas do que o torso, e um dos homens, agarrando-a pelas ancas, penetrou-a completamente. Depois, cedeu o seu lugar a um segundo. O ter- ceiro quis servir-se de um buraco mais apertado e, forçando-o brus- camente, fez com que ela gritasse. Quando a deixou, em lágrimas e a gemer, ela caiu por terra: sentiu então joelhos contra o seu rosto e a boca não foi poupada. Deixaram-na por fim, deitada de costas nos seus ouropéis vermelhos, diante do fogo. Ouviu-os encher os copos, e beber, e mover cadeiras. Punham mais lenha no fogo. De repente tiraram-lhe a venda. A grande sala, com livros nas paredes, era fracamente iluminada por um candeeiro sobre uma consola e

pela claridade do fogo, que se reanimava. Dois dos homens estavam de pé e fumavam. Outro estava sentado, com uma chibata nos joelhos, e aquele que estava debruçado sobre ela e lhe acariciava o seio era o seu amante. Mas todos os quatro a tinham possuído e ela não o distinguira dos outros.

Explicaram-lhe que seria sempre assim, enquanto estivesse no castelo, que veria o rosto daqueles que a violariam ou a atormentariam, mas nunca à noite, e que jamais saberia quem eram os responsáveis pelo pior. Que, quando a açoitassem, seria a mesma coisa, a não ser que quisessem que se visse ser açoitada, que uma primeira vez não teria portanto os olhos vendados, mas que eles usariam máscaras e ela já não os reconheceria. O seu amante tinha-a levantado e sentado sobre a capa vermelha no braço de uma poltrona no ângulo da lareira, para que escutasse o que tinham para lhe dizer e visse o que tinham para lhe mostrar. Ela continuava com as mãos ligadas atrás das costas. Mostraram-lhe a chibata, que era preta, longa e fina, de bambu envolvido por couro, como se vê nas vitrinas dos grandes seleiros; o chicote de couro que vira na cintura do primeiro homem era comprido, feito de seis tiras terminadas por um nó; havia um terceiro chicote de cordas bastantes finas, terminando em diversos nós, e todas rígidas, como se tivessem sido mergulhadas em água, o que tinham feito, como ela pôde constatar, porque com ele lhe acariciaram o ventre e lhe separaram as coxas para que pudesse sentir melhor o quanto as cordas estavam húmidas e frias sobre a pele tenra do interior. Na consola estavam algumas chaves e correntes de aço. Ao longo de uma das paredes da biblioteca corria, a meia altura, uma galeria, sustentada por dois pilares. A um deles estava preso um gancho, a uma altura que um homem podia atingir na ponta dos pés e com um braço estendido. Disseram a O, que o seu amante tomara nos braços, com uma mão nas suas costas e a outra entre as coxas, tocando-a, para a obrigar a enlanguescer, disseram-lhe que não lhe desamarrariam as mãos, a não ser para a fixar dentro em pouco, por aqueles mesmos braceletes, e uma das correntes de aço, naquele poste. Que, a não serem as mãos, colocadas

um pouco acima da cabeça, ela poderia mover-se e ver os golpes. Que, em princípio, só a açoitariam nas nádegas e nas coxas, ou seja, da cintura até aos joelhos, como a tinham preparado no carro, quando a mandaram sentar-se nua no banco. Mas que um dos quatro presentes provavelmente queria marcar-lhe as coxas com a chicata, que faz uns belos vergões compridos e fundos, que duram muito tempo. Não lhe seria infligido tudo ao mesmo tempo, ela teria o direito de gritar, debater-se e chorar. Deixá-la-iam respirar, mas, logo que houvesse recobrado o fôlego, recomeçariam, julgando o resultado não pelos gritos ou pelas lágrimas, mas pelos traços, mais ou menos vivos ou duráveis, que os chicotes lhe deixassem na pele. Explicaram-lhe que esta maneira de julgar a eficácia do chicote, além de ser justa, tornando inúteis as tentativas que as vítimas faziam, exagerando os seus gemidos, para despertarem a piedade, permitiria aplicá-lo fora dos muros do castelo, ao ar livre, no parque, como acontecia às vezes, ou em qualquer apartamento, ou em qualquer quarto de hotel, sob condição de se utilizar uma mordaca bem justa (e logo lhe mostraram uma) que só deixaria em liberdade as lágrimas e abafaria todos os gritos, permitindo apenas alguns gemidos.

Não se serviriam dela esta noite. Pelo contrário, queriam ouvi-la gritar e o mais depressa possível. O orgulho que ela empregou em resistir e calar-se não durou muito tempo: acabaram por ouvi-la suplicar que a soltassem, que parassem por um instante, um só. Torcia-se com um tal frenesim para escapar às mordeduras das tiras que quase dava uma volta sobre si mesma, diante do poste, porque a corrente que a retinha era comprida e logo um pouco frouxa, embora sólida. E tão bem se torcia que a barriga e a frente das coxas, assim como os lados, recebiam quase tantas chicotadas como as nádegas. Resolveram, depois de pararem um momento, passar-lhe uma corda pela cintura e prendê-la ao poste. Como a apertaram muito, para fixar bem o corpo, o torso pendia necessariamente um pouco para um lado, fazendo com que o rabo se empinasse do outro. A partir deste momento, os golpes não se desviaram mais,

a não ser deliberadamente. Dada a maneira como o seu amante a entregara, O poderia pensar que apelar à sua piedade seria o melhor meio para ele redobrar a crueldade, tal era o prazer que ele sentia em lhe arrancar ou fazer com que lhe arrancassem estes indubitáveis testemunhos do seu poder. E, com efeito, foi ele quem notou primeiro que o chicote de couro, sob o qual O gemera primeiro, a marcava bastante menos (o que se obtinha quase imediatamente com a corda molhada e ao primeiro golpe da chibata); aquele chicote permitiria demorar a pena e recomençar tantas vezes quantas fossem ditadas pela fantasia. Pediu que só empregassem este chicote. Entretanto, aquele dos quatro que só amava as mulheres naquilo que elas têm em comum com os homens, seduzido pelas nádegas que se empinavam sob a corda amarrada à cintura, oferecendo-se tanto mais quanto queriam ocultar-se, pediu uma pausa para o aproveitar, afastou as duas partes, que ardiam sob as suas mãos, e penetrou-a com alguma dor, observando que era necessário tornar aquela passagem mais cómoda. Concordaram que isto era possível e que seriam tomadas as medidas necessárias.

Quando desamarraram a jovem, tonta e quase a desmaiar sob a sua capa vermelha, para lhe comunicarem, antes de a mandarem conduzir à cela que deveria ocupar, as regras que teria de observar durante a sua permanência no castelo e na vida comum, depois de o deixar (sem que por isto readquirisse a liberdade), mandaram-na sentar-se numa grande poltrona perto do fogo e tocaram a campainha. As duas jovens que a tinham acolhido traziam o que iria vestir durante a sua estadia ali, e o que iria torná-la reconhecível por aqueles que tinham sido hóspedes do castelo antes da sua vinda ou que o seriam quando ela já tivesse partido. O traje era semelhante ao das outras mulheres: sobre um espartilho apertado na cintura e sobre uma saia curta de cambraia engomada, um vestido comprido e largo, cujo corpete deixava os seios, erguidos pelo espartilho, quase a descoberto apenas velados por algumas rendas. A saia curta era branca, o espartilho e o vestido verde-claros, as rendas brancas. Quando O ficou vestida e voltou a ocupar a sua poltrona ao pé do

fogo, ainda mais pálida com o seu vestido claro, as duas jovens, que não tinham pronunciado uma palavra, partiram. Um dos quatro amigos agarrou uma delas ao passar, fez sinal à outra para esperar e, levando até junto de O aquela que agarrara, fê-la voltar-se, passando-lhe a mão pela cintura e com a outra levantando-lhe a saia, para mostrar a O, disse ele, a finalidade do traje. Depois, acrescentou que era possível com um simples cinto deixar a saia presa onde se quisesse, o que deixava à disposição aquilo que assim se destapava. Além disso, fazia-se muitas vezes circular no castelo ou no parque as mulheres assim arranjadas, quer pela frente quer por detrás, com a saia presa na cintura. Fizeram com que a jovem mostrasse a O como ela deveria manter a saia: enrolada diversas vezes (como uma madeixa de cabelo presa num rolo), num cinto apertado, mesmo no meio à frente, para deixar o sexo livre, ou no meio das costas para libertar as nádegas. Tanto num caso como no outro, a saia curta e o vestido caíam em grossas pregas diagonais como uma cascata. Tal como O, a jovem tinha, ao longo das nádegas, marcas frescas de chibata. Foi-se embora.

Eis o discurso que pronunciaram em seguida a O:

«Você está aqui ao serviço dos seus senhores. Durante o dia desempenhará a tarefa que lhe for designada, referente à arrumação da casa, como varrer, arrumar os livros, pôr flores nas jarras, servir à mesa. Não são tarefas difíceis. Mas abandonará tudo o que estiver a fazer à primeira palavra de quem lho ordenar, porque o seu único e verdadeiro serviço é o de se entregar. As suas mãos não lhe pertencem, nem os seios, nem qualquer dos orifícios do seu corpo, que podemos apalpar e nos quais podemos penetrar à vontade. Como um sinal, para que lhe esteja constantemente presente no espírito, ou tão presente quanto possível, que perdeu o direito de se esquivar, diante de nós nunca fechará completamente os lábios, nem cruzará as pernas, nem juntará os joelhos (como já viu que foi proibida de fazer desde a sua chegada), o que significará aos seus e aos nossos olhos que a sua boca, a sua vagina e o seu traseiro estão abertos para nós. Na nossa frente jamais tocará nos seios: eles estão enguidos pelo

espartilho para nos pertencerem. Durante o dia, ficará assim vestida, levantará a saia se receber ordem para isso, e será usada por quem quiser, de rosto descoberto – e como quiser – com exceção todavia do chicote. Este só lhe será aplicado entre o pôr e o nascer do sol. Mas além da aplicação que será dada por quem o desejar, será punida à noite por quebrar as regras durante o dia: isto é, por não ter sido complacente, ou por erguer os olhos para aquele que lhe fala ou a possui. Você nunca deve olhar para qualquer de nós de frente. No traje que usamos à noite, e que é este, se o nosso sexo está descoberto não é por comodidade, o que poderia ser de outra maneira, é por insolência, para que os seus olhos se fixem nele e não em outro lugar, para que você saiba que é ele o seu senhor, a quem os seus lábios são destinados, antes de mais nada. Durante o dia, quando estivermos vestidos de maneira vulgar, e você como está, observará a mesma regra, só se incomodando, se for exigido, abrir a sua roupa, que você mesma fechará quando tivermos acabado de a possuir. Por outro lado, à noite só terá os lábios para nos homenagear, e as coxas abertas, porque terá as mãos amarradas atrás das costas, e estará nua como há pouco; os seus olhos só serão vendados para a maltratar, e agora que viu como é que a chicoteamos, para a chicotear. A propósito, se convém que se habitue a receber o chicote, e enquanto estiver aqui recebê-lo-á todos os dias, não é tanto para nosso prazer como para sua instrução. Isto é tão verdadeiro que nas noites em que ninguém precisar de si, deve esperar que o criado encarregado dessa tarefa vá à solidão da sua cela aplicar-lhe o que deve receber e nós não temos vontade de lhe dar. Por este meio, como pela corrente fixada ao anel do seu colar, que a manterá mais ou menos presa à cama diversas horas por dia, não se trata de a fazer sentir uma dor, gritar ou derramar lágrimas, mas sim fazê-la sentir, por esta dor, que está a ser constrangida, e ensinar-lhe que está inteiramente votada a alguma coisa que está fora da sua vontade. Quando sair daqui usará um anel de ferro no anular, pelo qual será reconhecida: então já deverá saber que tem de obedecer àqueles que tiverem o mesmo sinal. Eles saberão ao vê-la que está constantemente

nua por baixo da sua saia, por muito correto e banal que seja o seu traje, e que é para eles. Aqueles que a acharem indócil, trá-la-ão aqui. Agora vai ser conduzida à sua cela.»

Enquanto ele falava com O, as duas mulheres que tinham vindo vesti-la, ficaram de pé, uma de cada lado do poste onde ela tinha sido açoitada, mas sem lhe tocarem, como se as assustasse ou tal lhes tivesse sido proibido (isto era o mais provável). Quando o homem terminou, avançaram para O, que compreendeu que devia levantar-se para as seguir. Ergueu-se então, arregaçando as saias para não tropeçar, porque não estava acostumada a usar vestidos compridos e não se sentia segura nas sandálias de sola grossa e saltos muito altos, que só uma tira de cetim espessa, do mesmo verde do vestido, impedia de se escaparem dos pés. Abaixando-se, voltou a cabeça. As mulheres esperavam, os homens não a olharam mais. O seu amante, sentado no chão, recostado no pufe onde ela tinha estado no início da noite, as pernas encolhidas e os cotovelos apoiados nos joelhos, brincava com o chicote de couro. No primeiro passo que ela deu para se juntar às mulheres, o seu vestido roçou-o. Ele ergueu a cabeça e sorriu, chamando-a pelo seu nome, pondo-se de pé. Acariciou-lhe docemente os cabelos, alisou as suas sobrancelhas com a ponta do dedo, beijou-lhe suavemente os lábios. Em voz alta, disse-lhe que a amava. O, trémula, percebeu com terror que lhe respondia «amo-te» e que era verdade. Ele abraçou-a, disse-lhe «minha querida, meu coração querido», beijou-lhe o pescoço e a face; ela deixou a sua cabeça tombar no ombro dele, coberto pelo traje violeta. Muito baixinho desta vez, ele repetiu que a amava e, mais baixo ainda, disse-lhe: «Vais-te pôr de joelhos, acariciar-me e beijar-me», e afastou-a, fazendo sinal para que as mulheres recuassem, para se apoiar na consola.

Ele era grande, mas o móvel não era muito alto, e as pernas dele, compridas, revestidas do mesmo violeta do traje, estavam dobradas. O manto aberto parecia uma cortina, e a consola erguia um pouco o pénis pesado, e os pelos claros que o coroavam. Os três homens aproximaram-se. O pôs-se de joelhos no tapete, o vestido

como uma corola em volta dela. O espartilho apertava-a, os seios, cujos bicos se viam, estavam à altura dos joelhos do seu amante. «Um pouco mais de luz», disse um dos homens. Enquanto dirigiam o raio da lâmpada de maneira a que a claridade caísse em cheio sobre o pénis dele e o rosto da sua amante, que estava muito perto, e nas mãos que o acariciavam por baixo, René ordenou subitamente: «Repita: eu amo-o.» O repetiu «eu amo-o», com uma tal delícia que os seus lábios apenas ousaram tocar na cabeça do sexo, ainda protegido pela pele macia. Os três homens, que fumavam, comentavam os seus gestos, o movimento da sua boca fechada e apertada sobre o pénis que abarcara, e ao longo do qual ela subia e descia, o rosto desfeito que se inundava de lágrimas cada vez que o membro inchado lhe atingia o fundo da garganta, esmagando a língua e provocando-lhe náuseas. E foi com a boca meio amordaçada pela carne endurecida que a enchia que ela murmurou ainda «eu amo-o». As duas mulheres tinham-se colocado uma à direita e outra à esquerda de René, que apoiava os braços nos ombros delas. O ouvia os comentários das testemunhas, mas atentava entre as palavras dela aos gemidos do seu amante, toda entregue à carícia, com um respeito infinito e a lentidão que sabia agradar-lhe. O sentia que a sua boca era bela, já que o seu amante se dignava mergulhar nela, oferecer em espetáculo essas carícias, por fim ejacular. Recebeu-o como se recebe um deus, ouviu-o gritar, ouviu o riso dos outros e depois tombou, o rosto contra o chão. As duas mulheres ergueram-na, e dessa vez levaram-na embora.

As sandálias estalavam nos ladrilhos vermelhos dos corredores, onde as portas se sucediam, discretas, com fechaduras minúsculas, como as portas dos quartos nos grandes hotéis. O não ousava perguntar se cada um desses quartos estava ocupado, e por quem, quando uma das suas companheiras, de quem ela ainda não ouvira a voz, lhe disse:

– Você está na ala vermelha e o seu criado chama-se Pierre.

– Que criado? – perguntou O, encantada pela doçura daquela voz. – E como é que você se chama?

– Eu chamo-me Andrée.

– E eu Jeanne – disse a segunda. A primeira continuou:

– É o criado que tem as chaves, que a vai prender e soltar e que a vai açoitar quando for punida e não tiverem tempo para si.

– Eu estive na ala vermelha no ano passado – disse Jeanne – e o Pierre já estava lá. Ele aparecia muitas vezes à noite, os criadas têm as chaves e nos quartos que fazem parte da sua secção têm o direito de se servir de nós.

O ia perguntar como era esse Pierre, mas não teve tempo. No fim do corredor, mandaram-na parar diante de uma porta que em nada se distinguia das outras: num banquinho entre esta porta e a seguinte viu uma espécie de camponês corado, rechonchudo, a cabeça quase rapada, uns olhitos pretos e fundos e dobras de carne na nuca. Estava vestido como um criado de opereta: uma camisa de peitilho de renda saía do colete preto, coberto por uma casaca vermelha. Tinha calções pretos, meias brancas e sapatos de verniz. Também tinha à cintura um chicote de couro. As mãos eram cobertas de pelos ruivos. Tirou uma chave do bolso do colete, abriu a porta e mandou entrar as três mulheres, dizendo: «Vou fechar, chamem quando acabarem.»

A cela era muito pequena e, na realidade, compunha-se de duas partes. A porta que dava para o corredor tinha uma antecâmara e abria para a cela propriamente dita; na mesma parede abria-se, do quarto, outra porta, para uma casa de banho. Diante das portas estava a janela. Na parede da esquerda, entre as portas e a janela, apoiava-se a cabeceira de uma grande cama quadrada, muito baixa e coberta com peles. Não havia outros móveis nem qualquer espelho. As paredes eram vermelho-vivas, o tapete preto. Andrée observou a O que a cama era menos um leito do que uma plataforma com colchão, coberta por um estofado negro de pelos compridos a imitar pele. O travesseiro, baixo e duro como o colchão, era do mesmo tecido, assim como a coberta de face dupla. O único objeto